

## **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**

**Alan de Jesus**

Doutorando do Programa de Educação em Ciências e Saúde (NUTES-UFRJ), Mestre em Ciências pelo programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (FIOCRUZ), especialista e Divulgação e Popularização da Ciência (COC-FIOCRUZ)  
[eujesusjornalista@gmail.com](mailto:eujesusjornalista@gmail.com).

**André de Oliveira Sena Melo**

Doutorando em Ciências Sociais (PPGCS/UFRJ), Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos (PPDH/UFRJ), pesquisador no Diretório de Pesquisa Política Pública, Interseccionalidade e Desigualdade.  
[andresennas0@gmail.com](mailto:andresennas0@gmail.com).

### **Introdução**

A pandemia do novo coronavírus escancarou as desigualdades sociais, de classe, raciais e de gênero e colocou em evidência a real possibilidade de autodestruição do planeta, expondo o sistema capitalista em toda sua perversidade perante o agravamento da barbárie social. Este ensaio analisou e comparou os boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde sobre a COVID-19 lançados de abril a junho de 2020. Trata-se de uma pesquisa exploratória documental, com abordagem quantitativa, na qual foram usados os boletins para identificar mudanças epidemiológicas e problematizar seus dados a partir de uma proposta conceitual sobre a necropolítica a partir de Mbembe (2018) que expõe o trato da indiferença que se pode chegar ao descarte da vida humana. O ensaio utiliza um corpus de 7 boletins do Ministério da Saúde (MS), além de matérias jornalísticas sobre a conjuntura da pandemia da COVID-19.

Foram escolhidos para análise os chamados pelo Ministério da Saúde de Boletins Epidemiológicos Especiais (BEE)<sup>1</sup> por trazerem os dados sobre o perfil epidemiológico da pandemia no Brasil e o perfil de transmissão mais detalhados por

---

<sup>1</sup> Os BEE foram iniciados pelo MS, por meio da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS), semanalmente a partir da edição de número 14, publicada no dia 26 de abril, e têm como propósito não apenas apresentar os números disponíveis, mas também realizar a interpretação da situação epidemiológica e refletir sobre as evidências e limitações de cada processo, além de apresentar uma análise mais detalhada sobre o perfil da transmissão no Brasil por Unidade da Federação e Região de Saúde. Mais informações e para acessar os boletins, consultar o site do MS dedicado ao Covid-19. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>>.

Unidade da Federação e por Região de Saúde de forma mais sistemática e com periodicidade regular. Foram analisados os seguintes BEE: 14 (Semana Epidemiológica 18 – de 26/04 a 04/05); 15 (Semana Epidemiológica 19 – de 03 a 09/05); 16 (Semana Epidemiológica 21 – de 17 a 23/05); 17 (Semana Epidemiológica 21 – de 17 a 23/05); 18 (Semana Epidemiológica 24 – 07 a 13/06); 19 (Semana Epidemiológica 25 – 14 a 20/06); e 20 (Semana Epidemiológica 26 – 21 a 28/06).

Para esta pesquisa, daremos foco nos recortes de gênero, raça/cor e faixa etária indo ao encontro das reflexões sobre a necropolítica vivida no Brasil durante a pandemia da COVID-19. Desde a metade do mês de abril de 2020, o mundo vem conhecendo essa pandemia que apenas tem paralelo com a Gripe Espanhola, de 1918. A pandemia pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2)<sup>2</sup> vem se espalhando rapidamente pelo mundo e se apresentando como um dos maiores desafios sanitários em escala global deste século (WERNECK e CARVALHO, 2020). Vale ressaltar que as outras informações trazidas nos boletins não serão ignoradas, mas sim quando expostas, virão em reflexões e problematizadas balizadas em segundo plano.

### **A necropolítica no Brasil**

Para saber como a necropolítica age no Brasil durante a pandemia, precisamos compreender como ela vinha agindo antes. Assim, na primeira parte deste ensaio trazemos a definição do que é a necropolítica e como ela se desdobrava no Brasil antes da pandemia da COVID-19. Desde o início de 2020, o mundo vem conhecendo uma pandemia que apenas tem paralelo com a Gripe Espanhola, de 1918, e que vem se espalhando rapidamente pelo mundo. Acumulando numerosos casos, internações e, infelizmente, mortes, a nova doença COVID-19, causada pelo novo coronavírus afeta as pessoas de todo mundo de diferentes formas.

---

<sup>2</sup> Segundo o Ministério da Saúde, a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a OMS, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Mais informações no site do Ministério da Saúde, disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveiria Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A necropolítica foi desenvolvida pelo filósofo negro, cientista político e professor universitário, o camaronês Achille Mbembe, em 2003. Com ela, ele questiona os limites da soberania estatal, sobretudo, acerca dos mecanismos que o Estado utiliza para decidir quem vive e principalmente quem morre. A obra de Mbembe segue a tradição foucaultiana e agambentiana, sendo suas maiores contribuições a essa tradição, o conceito de necropolítica/necropoder. Ao pôr em relevo a morte como tecnologia de governo, o autor afirma que as tecnologias de governo atuam de maneira a controlar a morte e as maneiras de morrer.

Pela análise do autor, as noções de biopoder<sup>3</sup> e biopolítica são deslocadas do contexto europeu presente na perspectiva foucaultiana, para pensá-los nos contextos pós-coloniais de África e também nos processos de colonização e nos traços dessa colonialidade renascentes que ainda detém poder no mundo. A conexão com o pensamento de Foucault nos oferece um potencial epistemológico para analisar os desdobramentos e as relações de poder e de morte que estão envolvidas na pandemia da COVID-19 no Brasil. Dessa maneira, quando transladamos o pensamento do autor para a conjuntura brasileira atual, podemos afirmar que o Governo federal, detentor de poder, exerce esse poder para garantir quais vidas e ditar as mortes de quais indivíduos.

Ao executar estratégia institucional e proposital de propagação do coronavírus, o Governo Bolsonaro fez do Brasil um dos países mais afetados pela COVID-19 no mundo<sup>4</sup>. À luz de Mbembe, a necropolítica de matar ou deixar viver e quem exerce esse direito são pontos imperativos para nos debruçarmos sobre a atual conjuntura de barbárie pela qual o Brasil passa hoje.

Há territórios onde os efeitos da necropolítica são mais visíveis, como as favelas, onde o genocídio de corpos negros parece causar pouca ou nenhuma comoção social. O encarceramento massivo de seres humanos escolhidos pela cor da pele também parece

---

<sup>3</sup> Em resumo, biopoder é uma tecnologia de poder, um modo de exercer várias técnicas em uma única tecnologia. Ele permite o controle de populações inteiras. Em uma era onde o poder deve ser justificado racionalmente, o biopoder é utilizado pela ênfase na proteção de vida, na regulação do corpo, na proteção de outras tecnologias. É um termo originalmente usado por Michel Foucault em suas aulas em *Collège de France*.

<sup>4</sup> Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveíria Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

sensibilizar pouco. Os ataques aos povos originários e aos quilombos brasileiros, juntamente com os degradantes campos de concentração de refugiados espalhados pelo mundo são também exemplos de territórios onde se observam nitidamente essa política de morte. Nesses lugares, segundo Mbembe (2016), o capitalismo produz zonas de exclusão e de morte, verdadeiro estado de exceção, utilizado para se livrar dos corpos que o sistema capitalista não consegue absorver.

A questão de acesso à saúde e outros serviços a certos territórios e espaços é histórica e está profundamente conectada ao racismo estrutural presente no Brasil, conceito muito debatido pelo escritor Silvio Almeida<sup>5</sup>. O conceito auxilia no entendimento dos dados que mostram que indivíduos negros têm duas vezes mais chances de morrer de COVID-19 porque, em parte, ao compreender como o racismo estrutural atua, elucidam-se melhores questões como acesso aos serviços de saúde por pessoas negras, indígenas e brancas, por exemplo. Segundo boletim epidemiológico do ministério da Saúde do dia 8 de maio, pretos e pardos já somam mais da metade (50.1%) das vítimas da nova doença.

O conceito de necropolítica se tornou um instrumento importante na luta antirracista para denunciar como governos promovem políticas que restringem o acesso de populações, com base na raça, as condições mínimas de sobrevivência, criando espaços onde a vida é precarizada e a morte autorizada: como as favelas, os quilombos, as reservas indígenas, os cárceres e os campos de refugiados – os atuais campos de concentração do século XXI.

Ainda, dentro do atual de capitalismo neoliberal, a necropolítica de Estado, potencializada pelo racismo estrutural que baliza nossa sociedade, não foi arrefecida pela errônea leitura de que o vírus teria um caráter democrático ao atingir ricos ou pobres, brancos ou pretos. Pelo contrário, o contexto tem revelado que ações necropolíticas e racistas foram aprofundadas. A necropolítica aparece justamente no fato de que o vírus não afeta a todos de maneira igual. Em entrevista concedida em

---

<sup>5</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

março de 2020<sup>6</sup>, Mbembe afirma que o sistema capitalista e, por conseguinte, a lógica neoliberal são baseados na distribuição desigual de oportunidade de viver e morrer.

Nas palavras do autor “essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo<sup>7</sup>” (SILVA, PIRES, PEREIRA, 2020, p. 5). Isto é, para o autor, embora, na teoria, o coronavírus possa matar qualquer um, dentro da lógica neoliberal, há uma escala em como os riscos são distribuídos hoje, e os negros e negras no Brasil despontam como aqueles em maior risco. Nesse sentido, a necropolítica do Estado, consubstanciada dentro da lógica neoliberal, aglutina as práticas estatais no padrão que se pode chamar de necroliberal, ou seja, a junção das tecnologias necropolíticas do Estado exercidas a partir da lógica do neoliberalismo.

O genocídio da população negra periférica no Brasil deixa ver o quanto o Estado brasileiro é um agente necropolítico e essa realidade não se aprofundou com a pandemia do coronavírus. A população negra continuamente é a que mais morre, apenas trocou-se a arma. A administração da morte que escreve Mbembe é gerir a distribuição da mortalidade e das formas de morrer na sociedade, no Brasil, com o número de mortes por COVID-19 superando os 370 mil, a pandemia do coronavírus transparece como isso acontece. Por exemplo, na cidade de São Paulo, a população negra é a mais atingida pela letalidade da COVID-19, ainda que o índice de contaminação seja mais alto entre os bairros de classe média alta. Isso evidencia que apesar de as pessoas negras se contaminarem menos pelo novo coronavírus, mas morrem mais em comparação a população branca. Dessa forma, quando o Estado não está matando as populações negras de maneira direta, por meio da ação policial - agente estatal - o faz gerindo a distribuição de recursos no combate à pandemia, nos recursos realocados para o SUS, na assistência social, por meio do auxílio emergencial e todas as suas dificuldades e

---

<sup>6</sup>BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2021.

<sup>7</sup>O próprio Achille Mbembe cunha o termo “necroliberalismo” para se referir ao acirramento das práticas neoliberais dentro de um contexto necropolítico que reflete o processo histórico de naturalização da desigualdade racial.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveiria Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

falta de informação, criando assim condições que potencializam a necropolítica sobre determinadas partes da sociedade.

A partir da análise de como o governo brasileiro tem gerido a crise sanitária por meio da implementação de políticas que possam amenizá-la, observamos que as ações governamentais foram insuficientes para evitar que o país ocupasse hoje a segunda posição no *ranking* de mortes por coronavírus no mundo. Podemos, então, inferir que a atual conjuntura brasileira, sob o Governo Bolsonaro, sintetiza perigosamente o neoliberalismo, autoritarismo e profascismo que, potencializados pelas práticas necropolíticas do Estado, também pode ser chamada de necroliberalismo. Articulado os conceitos de necropolítica e racismo estrutural, portanto, compreendemos que essa situação é agravada para as populações negras e que o Estado, por meio da má gestão de seus recursos, decide quais vidas são passíveis de viver e de morrer.

### **A pandemia diante dos dados**

No contexto de pandemia, quando nos debruçamos sobre os dados, verificamos que o recorte racial e de classe demonstram que o complexo suporte do Estado ao capital segue firme e as desigualdades multifacetadas aprofundam as mazelas da barbárie social. O Instituto Locomotivo<sup>8</sup> destaca, em estudo recente sobre a distribuição do auxílio emergencial pelo país, que os negros, grande parte da população mais pobre do Brasil, entraram com o pedido pelo auxílio em maior quantidade, porém, proporcionalmente, os brancos conseguiram mais. Os dados mostram como o racismo está arraigado no Brasil. O levantamento mostra que, entre os negros que pediram o auxílio, 74% tiveram o pedido liberado. Essa taxa foi de 81% entre os não negros que fizeram a solicitação. A pesquisa ainda traz dados sobre o impacto econômico da pandemia do coronavírus, especialmente quanto à diminuição de renda e não pagamento de contas: 73% dos que afirmaram terem tido diminuição na renda familiar eram negros para 60% dos não negros.

---

<sup>8</sup>Negros pediram mais auxílio emergencial, mas brancos tiveram maior sucesso. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/negros-pediram-mais-auxilio-emergencial-mas-brancos-tiveram-maior-sucesso/>>. Acesso em: set. de 2020.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A pandemia da COVID-19 desvendou que o Estado que mata, como alega Mbembe (2016), é o mesmo que deixa morrer. Isso se dá por meio de políticas públicas insuficientes e a flagrante ausência de um plano abrangente e articulado entre todas as esferas públicas. O Brasil contabilizou 13.941.828 casos e 373.442 óbitos por COVID-19 desde o início da pandemia, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa (18/04)<sup>9</sup>. Assim, o Estado age ora diretamente provocando a morte das vidas matáveis, ora age gerindo a distribuição da riqueza de forma a fazer morrer alguns.

O neoliberalismo faz com que haja uma mudança no paradigma que antes regia a relação foucaultiana entre racismo e capitalismo. Se antes havia a necessidade de o racismo ser uma ferramenta de manutenção de um exército de mão de obra barato e constante – no caso a população negra – hoje, alega Mbembe (2016), o neoliberalismo faz com que esse exército não seja mais necessário, logo não há porquê gerir a vida, há então necessidade de gestar a morte daqueles que não são mais compatíveis com esse sistema capitalista. O necroliberalismo é oportuno e atual, dado que explica como atua ações do Estado brasileiro e como isso reverbera no descarte de indivíduos sociais - “vidas nuas<sup>10</sup>” de Agamben (2004) - construídos como indivíduos perigosos, tanto do ponto de vista da classe, como de raça. A necropolítica reúne tais elementos letais que afetam a vida cotidiana de milhões de pessoas e reflete nas políticas estatais que carregam os seus instrumentos.

Dessa maneira, entendemos que o recorte racial melhora a compreensão de como a pandemia afeta de maneira diferenciada grupos específicos da sociedade. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), a população brasileira é composta de 56% de pretos e pardos, e essa mesma população preta representa 75% dos pobres do país, classes D e E, enquanto a população branca representa os 70% mais ricos. Além disso, essas pessoas vivem uma vida nua em territórios (favelas) que carregam a baixa infraestrutura e a vulnerabilidade social.

---

<sup>9</sup> Brasil chega a 373 mil mortos por Covid; país registrou 1.553 mortes em 24 horas. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/18/brasil-chega-a-373-mil-mortos-por-covid-pais-registrou-1553-mortes-em-24-horas.ghtml>>.

<sup>10</sup>Vida nua é uma expressão que Agamben tira do direito romano antigo, do antigo homo sacer, o homem sagrado: aquele que era matável, mas não sacrificável. O estado de “estar morto” constitui o que Agamben chama de vida nua. Quando um policial mata um menino negro em situação de rua que cometeu um delito, na interpretação de Agamben, ele não cometeu um crime, uma vez que ele matou alguém que, para sociedade, estava já morto.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Começando pelo Boletim 14, quando o Brasil tinha então 61.888 casos por COVID-19 e, deste total, 4.205 (6,8%) foram a óbito. Ainda, do número de hospitalizações, verificou-se que 60,3% delas ocorreram entre pessoas de raça/cor branca, seguido da raça/cor parda (31,5%) e preta (5,9%). A COVID-19 por ter sido trazida do exterior se concentrava então em pessoas que viajaram – principalmente à Europa – e em pessoas que sucessivamente tiveram contato com eles. A população preta aparece com a menor porcentagem no recorte raça/cor em hospitalização. Estamos vivendo esse momento histórico, logo ainda não são conclusivas as razões para isso, mas podemos inferir que a subnotificação e a baixa testagem entre a população mais vulnerável – majoritariamente preta – contribua para esses dados. Já a distribuição de óbitos por COVID-19 por faixa etária mostra que, entre os óbitos confirmados, 70% tinha mais de 70 anos e 67% apresenta pelo menos um fator de risco. É importante destacar que o boletim não traz dados de hospitalização ou de morte por COVID-19 segundo gênero.

No Boletim 15, até o dia 08 de maio de 2020, foram confirmados 145.328 casos por COVID-19 no Brasil. Deste total, 9.897 (6,8%) foram a óbito. Este boletim traz os seguintes dados: 54,7% das hospitalizações por SRAG (Síndrome Respiratória Aguda Grave) causada por COVID-19 ocorreram entre pessoas de raça/cor branca, seguido da raça/cor parda (36,3%) e preta (6,8%). Embora mostre que a raça/cor preta aumentou percentualmente em relação aos dados do Boletim 14, percebemos que ela continua bem atrás em relação às outras raças/cor. Novamente, ressaltamos a subnotificação dos casos no Brasil que tem sido notória. Ainda, perceber que em ambos os boletins a população negra esteja na lanterna em número de casos e de mortes é um dado pertinente. A despeito de ser a maioria da população – 56,10% da população se declara negra no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE (2018)<sup>11</sup> – os dados levantados pelo MS mostra a população negra na lanterna de casos e de hospitalização.

É interessante notar como nos primeiros meses da pandemia da COVID-19 no Brasil o perfil era o inverso do habitualmente visto pela sociedade diante do Estado

---

<sup>11</sup> Folha de São Paulo. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/#:~:text=56%2C10%25.,7%20milh%C3%B5es%20se%20declaram%20pardos>. Acesso em: 20/08/2020.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveiria Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.



necropolítico brasileiro. Enquanto a população negra lidera os índices no Mapa da Violência, como número de homicídios, esses boletins mostram que menos pretos e pretas morrem por COVID-19 no tempo em que foram levantados os dados. Ainda sobre o Boletim 15, é importante destacar que o boletim não traz dados de hospitalização ou de morte por COVID-19 segundo gênero. Já a distribuição dos óbitos por COVID-19 por faixa etária, 69% tinham mais de 60 anos e 65% apresentavam pelo menos um fator de risco (cardiopatia).

No boletim 16, até o dia 17 de maio de 2020 foram confirmados 241.080 casos por COVID-19 no Brasil. Deste total, 16.118 (6,7%) foram a óbito. Na distribuição segundo raça/cor dos hospitalizados por COVID-19, verificou-se pessoas de raça/cor branca, seguido da raça/cor parda (39,7%) e preta (7,0%). Quando olhamos os dados dos três boletins até então apresentados, percebemos que ainda que continue a liderar, a porcentagem de raça/cor branca diminuiu progressivamente, enquanto da raça/cor negra, a despeito de permanecer na última posição, aumentou. Este boletim traz o recorte segundo gênero apenas por SRAG, dentre os casos hospitalizados, 75.833 (54,4%) eram do sexo masculino e, entre os homens, a faixa etária com o maior número de casos foi entre indivíduos de 50 a 59 anos (13.125 casos ou 17,4%), enquanto nas mulheres foi entre 60 a 69 anos (15,5%). Por faixa etária, entre os óbitos confirmados por COVID-19, 69,3% tinham mais de 60 anos e 64,0% apresentavam pelo menos um fator de risco (cardiopatia).

Passando para o Boletim 17, temos que do total de 347.398 casos de COVID-19, verificou-se que 49,0% das hospitalizações ocorreram entre pessoas de raça/cor branca, seguido da raça/cor parda (42,0%) e preta (7,1%). De novo, destaque para a tendência da mudança de perfil, as porcentagens parda e preta sobem enquanto a branca desce. A distribuição de óbitos segue a mesma linha, observou-se que 49,6% dos óbitos ocorreram entre pessoas de raça/cor parda, seguido da raça/cor branca (41,0%) e preta (7,4%). Neste boletim, percebemos que os óbitos de brancos já não é o maior. Os dados do boletim não fornecem o número de hospitalizados por COVID-19 por gênero, apenas de SRAG, que pode ou não ser causada pelo novo coronavírus.

No Boletim 18, novamente, o resgistro de casos segundo raça/cor mostra que a mais prevalente é a parda (32.182), seguida da branca (29.243), preta (4.780) do total de

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

850.514 casos confirmados no Brasil. Neste boletim, não foram fornecidos os números de hospitalizados por raça/cor. Ainda, o MS não forneceu as porcentagens, mas somente os números absolutos de casos registrados naquela raça/cor. Em relação aos casos de SRAG por COVID-19, 690.940 (57,6%) são do sexo masculino e a faixa etária mais acometida se manteve como a de 60 a 69 anos. Em relação aos óbitos de SRAG por COVID-19, 23.180 são do sexo masculino e a faixa etária mais acometida é a de 70 a 79 anos, sendo a faixa etária com maior número de óbitos então 9.551 óbitos (24,2%). No Boletim 19, o Brasil tinha então confirmado 1.067.579 casos e 49.976 óbitos. Os casos de COVID-19 por raça/cor novamente a parda continua na frente, uma tendência que até hoje, agosto de 2020, não se inverteu mais. Com parda (39.732), seguida da branca (35.610), preta (5.920), percebemos que a raça/cor preta continua a apresentar bem menor número de casos, dentre outras razões, explicado pelo baixo número de testagem.

Para os óbitos de SRAG por COVID-19, o perfil de raça/cor se manteve, sendo a parda (16.863) a mais frequente, seguida da branca (11.462), preta (2.274). Em relação aos casos por COVID-19, 73.686 (57,3%) são do sexo masculino. Em relação aos óbitos por COVID-19, 27.936 (58,7%) são do sexo masculino. Em relação aos casos de SRAG por COVID-19 a faixa etária mais acometida se manteve como a de 60 a 69 anos de idade com 25.597 (19,9%). Em relação aos óbitos de SRAG por COVID-19 a faixa etária mais acometida é a de 70 a 79 anos, 11.606.

Nosso último Boletim, o 20, para os casos de SRAG por COVID-19 a raça/cor mais prevalente é a parda (46.233), seguida da branca (41.604), preta (6.907). Já os óbitos segundo raça/cor, a parda, como nas Semanas Epistemológicas anteriores, se manteve prevalente, parda (19.269), seguida da branca (13.287), preta (2.661). Em relação aos casos de SRAG por COVID-19, 85.097 (57,2%) são do sexo masculino, os óbitos por COVID-19 mantiveram a linha de prevalência do sexo masculino 31.782 (58,5%). Em relação aos casos de SRAG por COVID-19, 85.097 (57,2%) a faixa etária mais acometida se manteve como a de 60 a 69 anos de idade com 29.664 (19,9%). Em relação aos óbitos de SRAG por COVID-19, a faixa etária mais acometida é a de 70 a 79 anos, 13.351 (24,3%). Inferimos assim que homens pardos e idosos foram as principais vítimas até esses dados da COVID-19, tendo uma porcentagem expressiva

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde.** METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

cardiopatia como principal comorbidade. Percebemos que desde o início da amostragem dos dados trazidas, quando trazidos os óbitos por gênero, o sexo masculino é prevalente.

## **Reflexões finais**

Este ensaio teve por objetivo refletir sobre a pandemia do novo coronavírus no Brasil, identificando as relações entre racismo e capitalismo ao fazer uma análise exploratória dos dados dos boletins especiais do Ministério da Saúde, a partir da lente mbembiana. O modelo capitalista em vigência é um modelo falido do ponto de vista da justiça social e ambiental. A situação de crise sanitária internacional apenas evidencia suas falhas e insuficiências nos mais variados âmbitos da vida humana. Como nos conta Boaventura (2020), a combinação entre o neoliberalismo e o capitalismo financeiro delegam ao Estado a missão de cortar os investimentos sociais, privatizar e promover o desmonte de instituições e do serviço público. A maneira como os governos lidam com a pandemia também é pautada por essa lógica, de modo que o momento pós-crise será marcado por mais políticas de austeridade e maior degradação dos direitos humanos (SANTOS, 2020).

Essa conjuntura, reiteramos, desvelou o acentuado grau da necropolítica a que estamos submetidos no Brasil. Ela participa decisivamente na demarcação da linha de mortes da COVID-19 hoje no Brasil. Temos que essa população negra que morre hoje de COVID-19 faz parte das vidas nuas, vidas que são separadas daquelas que importam. Podemos refletir sobre isso trazendo o encobrimento das mortes por parte do governo federal que mudou os critérios de contabilização das mortes pela COVID-19. Hoje, o maior número de mortes se encontra entre pretos e pardos no Brasil, em comparação a população branca. Em São Paulo, as classes D e E detêm a maior taxa de contágio. Na cidade do Rio de Janeiro, a Zona Oeste da cidade concentra o maior número de casos de covid-19 hoje, mas não em Jacarepaguá ou Barra da Tijuca, mas sim Santa Cruz, Campo Grande e Padre Miguel.

É importante frisar que as desigualdades em suas diferentes vertentes se manifestam de distintas maneiras. Pautadas nos marcadores sociais da diferença gênero, raça e classe, podemos observar conjunturas flagrantes de desigualdade como aquelas mais tênues que passam despercebidas no dia a dia. Outras determinantes, como geração, sexualidade, etnia, localização ou algum tipo de deficiência física, “são também importantes na construção da

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

posição social dos diferentes grupos de pessoas, contribuindo para produzir as suas alternativas e os obstáculos que se colocam para sua participação na sociedade” (BIROLI e MIGUEL, 2015, p.29).

Sobre os boletins, os dados segundo raça/cor dos boletins apresentados, a primeira vista, nos revela que a COVID-19 adentra no Brasil como um vírus da classe média branca e idosa. Os mais idosos eram a maioria no número de casos e no número de óbitos. Contudo, é perceptível pelos dados uma mudança de perfil quando os pardos (que junto com os pretos forma a população negra no país, segundo IBGE) passam a ser o maior contingente de casos e óbitos. Ainda, é importante frisar que os dados analisados são do ano passado, dados mais recentes vêm demonstrando a veracidade do que já vinha sendo constatado.

A agenda de Estado mínimo do Governo Bolsonaro aliado a política de “imunidade de rebanho” (comprovadamente ineficiente e falaciosa) potencializam a pandemia, o que faz com que a população negra não morra do vírus, mas sim de causas relacionadas a precarização de sua vida e do sistema de saúde. A necropolítica, portanto, se pauta cada vez mais no corte de direitos sociais, na austeridade, no sucateamento do SUS<sup>12</sup>, no fim de programas sociais de distribuição de renda, mesmo os de caráter emergencial como o auxílio durante a pandemia do COVID-19.

A pandemia da COVID-19 escancarou o desequilíbrio colossal que existe nas relações de poder quando se trata do Estado que, por dever constitucional, deveria garantir as condições para boa saúde da população. Procuramos aqui refletir o contexto em que o Brasil vive hoje e analisar o racismo, a necropolítica e a barbárie de maneira relacional. O racismo não é individual ou isolado, mesmo que aqueles que o negam insistam nisso. Diante desta conjuntura de crise sanitária global, o Brasil é governado por um presidente negacionista, ou seja, que diminui e/ou nega as consequências atroz de sua liderança diante dos impactos da pandemia da COVID-19. A pandemia do novo coronavírus, portanto, é um elemento acelerador desse processo.

---

<sup>12</sup> O Ministério da Saúde gastou apenas 29% do valor destinado desde março de 2020 pelo governo federal ao combate do novo coronavírus. O valor foi revelado em uma auditoria do TCU (Tribunal de Contas da União), obtida pela Folha de S. Paulo. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/saude-gastou-29-de-verba-destinada-ao-combate-da-covid-19-diz-tcu/>>. Acesso em: 20/08/2020.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. 2020. Acesso em nov. 2020.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD CONTÍNUA): rendimento de todas as fontes 2019**. IBGE. 2020a. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>>. Acesso em out. 2020.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luís Felipe. **Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades - Dossiê - Desigualdades e Interseccionalidades**, 2015.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Revista Arte & Ensaios, nº 32, dezembro 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>>. Acesso em: 5 abr. 2021

NOIS (Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde). Inteligência computacional aplicada à predição da evolução da Covid-19 e ao dimensionamento de recursos hospitalares. Nota Técnica 11 – 27/05/2020. **Análise socioeconômica da taxa de letalidade da Covid-19 no Brasil**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/nois-pucurio/publica%C3%A7%C3%B5es?authuser=0>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.

SILVA, Mauricio Roberto; PIRES, Giovani de Lorenzi e PEREIRA, Rogerio Santos. **O necroliberalismo, bolsonaro ‘vírus mental’ e a pandemia da COVID-19 como casos de saúde pública: o real resiste?** Revista Motrivivência (online), Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-18, jan./mar, 2020. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e72755/42996>> Acesso em 14 abr. 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Editorial, Cad. Saúde Pública 36 (5) 8 Maio 2020, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>. Acesso em: 10 de jul. de 2020.

JESUS, Alan de; MELO, André de Oliveira Sena. **Reflexões em tempos de COVID-19 sobre a necropolítica a partir dos boletins epidemiológicos do ministério da saúde**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 255-267, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.